



DO MULTISSERIAL AO MULTINÍVEL: UMA PROPOSTA DE EDUCAÇÃO MUSICAL COLABORATIVA

Francisco Canindé de Medeiros Sena; Eliane Leão

EMUFRN – Escola de Música da Universidade Federal do Rio Grande do Norte

canindesena@hotmail.com; elianewi2001@gmail.com

Resumo: Este artigo propõe dar início à discussões sobre uma pedagogia de ensino de música com formato ainda pouco conhecido. Trata-se de uma proposta de educação musical baseada no *Ensino Multisseria* e na aprendizagem colaborativa, chegando a um tipo de ensino que seus autores consideram tratar-se do *Ensino Multinível*. Busca-se, dessa maneira, contribuir para uma maior prática e difusão da Educação Musical, especialmente aos conteúdos e práticas que se referem ao ‘ensino de teoria’ e ao ‘ensino da *performance* musical’. A proposta metodológica (*Método xxx - Educação Musical - Linguagem e Estruturação Musical Multinível*) prevê divisão de turmas em grupos distintos, respeitados os níveis diferenciados de aprendizagem de cada participante. O professor intermedia os grupos visando a interação *inter* e *entre* grupos. As práticas coletivas são estimuladas e os conteúdos planejados são interativos. Objetiva-se, quanto à aferição da aprendizagem, observar a possibilidade de mudanças de níveis, a melhoria da prática de conjunto e a satisfação do aluno com a *performance* musical.

Palavras-chaves: Educação Musical, Ensino Multisseria e Multinível, Linguagem e Estruturação Musical.

1. INTRODUÇÃO

Por muito tempo, na prática de ensino musical, questionou-se sobre como o regente e professor de Música de grupos instrumentais, a exemplo das Bandas Filarmônicas, poderia resolver a seguinte situação: 1 - frequentemente um professor se depara com indivíduos que apresentam níveis de conhecimentos musicais distintos, sejam práticos e/ou teóricos; e, 2 - além disso, quase nunca este professor dispõe do tempo necessário para uma possível docência que pudesse assistir, de maneira satisfatória e igualitária, como gostaria, essa heterogeneidade percebida nos alunos.

Este artigo se propões sugerir uma metodologia para atender e responder à estas duas questões. Feito o levantamento bibliográfico sobre o *Ensino Coletivo Multinível*, no Diretório de Ensino e Pesquisa DEPPM, na Universidade Federal...¹, deu-se o início à proposta do estudo,

¹ Escola de Música ...só mediante aprovação será divulgado seu nome completo.



observação e análise do Ensino Multinível que levaria, posteriormente, ao *Ensino Multisseriado*, com o objetivo de responder às duas questões formuladas no parágrafo anterior.

O Ensino Multinível tem consistido de uma prática metodológica e tem ajudado e ainda ajuda bastante os planejamentos da equipe pesquisadora nos contextos de ensino de Música. Ademais, tendo em vista a experiência dos pesquisadores envolvidos, na maioria das instituições que prestam ou já prestaram serviço na docência musical, pode-se relatar que nunca se trabalhou com período fixo para matrículas de alunos, pois que o ensino se tratou quase sempre de Música como uma atividade extraclasse e em contra turno; e, ainda, optativa para os interessados. Dessa forma, quando se trata do desempenho do ensino/aprendizagem, pode-se relatar que é frequente receber novos alunos para instrumento e teoria musical; e, em etapas de aprendizagem distintas, estudantes de sopros diversos (trompete, flauta transversal, etc.). Recebe-se também alunos de violão e percussão; e é preciso lidar com esta realidade diariamente, algo que estimula muito a prática de ensino, apesar de promoverem constantes desafios, pelo pouco tempo que se tem para a dedicação a eles.

Desde os primeiros momentos, a experimentação/vivência do Ensino Multinível, levou à percepção de expressões nos olhos dos alunos que externavam aprovação quanto à nova proposta pedagógica, inclusive quando se conseguiu atrair de volta às aulas alguns que, por não conseguirem seguir um ensino tradicional², muitas vezes abandonavam o estudo de Música, seja por não acompanharem seus amigos ou pela impossibilidade de seguir e/ou se adequar a um ritmo geral e uniforme. Mas, anota-se que, mesmo assim, com esse Ensino Multinível, foram mudadas, para melhor, as posturas da realidade docente. Houve momentos de dúvidas, se realmente haveria condições para a não exclusão incidental de um ou outro aluno, em sala de aula, mesmo consideradas as novas propostas de ensino.

Em meio a essa situação, baseando-se no Ensino Multisseriado, começou-se o processo de reflexão sobre a metodologia, pela procura do conhecimento das principais críticas e elogios desta nova maneira de ensinar, que serviram de base para a proposta que se seguiu, a do Ensino Multinível. Esta será exposta neste artigo, de maneira sucinta e de forma concisa, na intenção de se poder ajudar a outros que, assim como esta equipe, enfrentam essa triste realidade: - o desestímulo dos alunos frente ao ensino e aprendizagem de Música, que muitas vezes contagia e até leva, o professor envolvido, ao pensamento de abandonar os trabalhos de ensino por não se suportar a pressão psicológica advinda das dificuldades encontradas no contexto educacional.

² O ensino praticado em escolas de educação básica.



Esse artigo tem como aportes teóricos Fonseca (2009), Machado (2009), Oliveira (2014), Porcaro (2011), Silveira (2014) entre outros, que podem prover suporte da literatura da área que, de certa forma, podem subsidiar melhor a explicação sobre a problemática aqui destacada.

2. DOIS TIPOS DE ENSINO

Neste tópico passa-se à fundamentação teórica necessária ao entendimento das propostas de ensino *multisseriado e multinível*.

2.1. Ensino Multisseriado

A respeito do *Multisseriado*, mesmo sendo uma proposta de ensino que se pode dar um parecer favorável neste artigo, evidencia-se, através de alguns levantamentos realizados em bancos de dados e depositórios de trabalhos científicos *online*, que muitas produções científicas são contrárias à opinião sobre sua importância.

No mais, pensando nesse universo de escolas multisseriadas, existem programas, a exemplo do destacado no Estado de São Paulo, chamado *Escola Ativa* que, como mostra Stefanini (2011, p. 12): “...trata-se de uma política pública do Ministério da Educação, voltada para escolas com turmas multisseriadas ou unidocentes localizadas em área rural, formadas por alunos de diferentes faixas etárias...”, e da primeira etapa do ensino fundamental. Nesse caso de São Paulo, o programa foi implantado em vinte e cinco municípios do estado. Ainda, segundo Stefanini (2011), esse programa foi implantado no Brasil no ano 1997, como uma estratégia de ensino com apoio de outro programa, o FUNDESCOLA, que tem como público alvo os que vivem em áreas ou regiões mais pobres do Brasil. Ademais, pode-se ainda perceber a existência de uma grande concentração de trabalhos acadêmicos publicados sobre o ensino multisseriado, implementados no campo.

Também, existem outros trabalhos que propõem modelos de gestão escolar no contexto Multisseriado, a exemplo do citado por Machado (2009), que providencia algumas importantes informações sobre esse tema, mesmo com seu foco a partir da Secretaria Municipal de Educação e Cultura de Pimenta Bueno, município do estado de Roraima, Região Norte. A referida secretaria apresenta, ainda, discussões sobre o Plano Político Pedagógico (PPP) nessa modalidade de ensino e discorre sobre o modelo de Matriz Curricular.



Ter-se-ia, até o presente momento, um longo percurso a relatar sobre como esta equipe chegou à elaboração desta proposta atual e/ou na decisão de defender, pensar e propor o conceito de Ensino Multinível, como foco principal de uma nova metodologia de ensino de música, que resultou da prática pedagógica; mas como este artigo atende à critérios de limitação de palavras, resulta que é preciso deixar a discussão mais aprofundada para outras oportunidades. Há, no entanto, ressalvas à indicação de alguns trabalhos que se julga importante referenciar ao leitor, a saber: Teruya (2013), Silveira et. al. (2014), Oliveira e Lucena (2014), entre outros, sobre contextos Multisseriados.

2.2. Ensino Multinível

O referencial teórico desse subitópico é Fonseca (2009). De acordo com ele, o ensino Multinível procura facilitar as necessidades de uma classe ou sala de aula, sem distinções. Consiste em identificar os conteúdos mais importantes e fundamentais que se almeja para os alunos, na perspectiva de que eles possam alcançá-los significativamente, cada um a seu modo. Isso representa considerar os diferentes estilos de aprendizagem dos alunos ao conduzi-los ao conhecimento de variados temas, às diferentes tarefas e níveis de pensamento, bem como os avaliar de maneira ampla, considerando as diferenças individuais.

Apregoa-se que os alunos, ao mostrarem diferenças de nível de aprendizagem, devem trabalhar tendo respeitadas estas particularidades individuais. Em síntese, para Pujólas (*apud* Fonseca, 2009, p. 21), o ensino Multinível descrito acima consiste em quatro fatores: 1- A identificação dos conteúdos mais importantes; 2- Estratégias de apresentação das tarefas pelo professor; 3- Diferentes práticas para os alunos; e 4 - Diferentes estratégias de avaliação.

3. PROPOSTA DE METODOLOGIA DE ENSINO DE MÚSICA MULTINÍVEL

A proposta aqui apresentada consiste, a princípio, em dividir os alunos em grupos, por tipo de instrumento ou *naipe* ou apostila/material teórico(a); e, em seguida, os categorizar por níveis de aprendizagem. Para tal, é exigido ao professor saber diagnosticar o nível de experiência musical de cada aluno participante; e, exigido aos alunos o máximo de concentração nas atividades propostas, uma vez que vão lidar com materiais e conteúdos distintos em uma mesma sala de aula.

A sala de aula deve ser ampla, arejada e, de preferência, sem barulho externo, permitindo um distanciamento mínimo de cinco metros entre os grupos de alunos. Esses grupos devem se



posicionar em círculos. Cada círculo, individualmente, deve trabalhar com um material padrão ou comum a todos os seus componentes internos, seja apostila, método, partitura, entre outros; com o professor atento às diferenças de nível de ensino preservada e observada entre os demais círculos.

O professor tem como função básica intermediar o processo de ensino-aprendizagem dos alunos, assistindo-os didaticamente, levando em consideração o tempo que terá para cada grupo ali presente. Tendo em vista estas condições, poderá usar de recursos pedagógicos dos mais diversos: quadro e giz, lousa eletrônica, lápis, *notebook* e *data show*, entre outros; desde que sejam insumos a somar à sua docência e não, a substituí-lo.

Os alunos devem ser estimulados a se sentirem capazes de responder as perguntas realizadas pelo professor. A intenção nesta proposta metodológica é, ainda, trabalhar com materiais que não sejam totalmente alheios aos alunos e que, de alguma forma, sejam conhecidos ou associados ao que eles já demonstram saber de antemão, valorizando assim o conhecimento prévio de cada um.

Cada aula não deve ultrapassar a marca de duas horas consecutivas, tendo em vista o desgaste físico dos alunos nesse tipo de atividade; reação já percebida em atividades docentes anteriores, realizadas a partir deste modelo de formação grupal. Ainda, é muito importante proporcionar momentos de interação entre os grupos formados em círculos, de preferência, ao final de cada aula. Indica-se, para isso, trabalhar práticas coletivas com toda a classe presente, com material suscetível de apreciação e *performance* de qualquer nível de ensino, por exemplo: práticas coral e instrumental de músicas populares conhecidas e adaptadas ao nível dos alunos, já diagnosticados previamente.

À princípio, na implementação da pedagogia Multinível, os alunos não entendem de imediato a situação proposta, pois que se trata de inovação metodológica. A proposta tem que ser explicada e entendida como uma vivência de experimentação de caráter coletivo, em que a participação de todos é critério importante. De forma dinâmica, deve-se organizá-los em três ou mais círculos e, antes do início da experiência, tratar das explicações metodológicas, com as instruções sobre como seria conduzida aquela aula e qual seria agora a função do professor entre eles. E então, dá-se início à aula.

Esta proposta (modelo de procedimentos de aula para uma turma organizada em grupos, tendo em vista uma heterogeneidade de habilidades ou conhecimentos musicais), como explicada acima, leva a alguns questionamentos. Estes só serão respondidos com a proposta de uma pesquisa que faça um acompanhamento a longo prazo, contendo vivências programadas, visando o alcance da aprendizagem musical. Há indicativos, a partir da experiência desta equipe de pesquisadores, de



que o processo pode alcançar bons resultados. Tentar-se-á, a partir do suporte teórico dos autores que fundamentam a área da experiência Multinível, testar este modelo. Serão considerados os mais distintos contextos de educação, não somente o musical, para a comprovação da validade interna deste modelo de educação musical baseado no *Ensino Multisseria* e na aprendizagem colaborativa, chegando a um tipo de ensino que seus autores consideram tratar-se do *Ensino Multinível*, podendo levar à resultados surpreendentes de aprendizagem musical. Dessa maneira, pretende-se contribuir para uma maior vivência e difusão da Educação Musical, especialmente aos conteúdos e práticas que se referem ao ‘ensino de teoria’ e ao ‘ensino da *performance* musical’.

Inicialmente, para o levantamento teórico, será necessário a observação do modelo de alfabetização proposto por Paulo Freire, em meados de 1960, na cidade de Angicos/RN, a aproximadamente duzentos quilômetros da capital, Natal/RN, nas vésperas do Golpe Militar, que durou vinte e um anos no Brasil, com Porcaro (2011). Segundo esse autor, Freire lidou com o ensino da leitura e escrita da língua portuguesa com aproximadamente duzentos e oitenta adultos analfabetos que não puderam, de alguma maneira, frequentar a escola na faixa etária esperada, entre os 06 aos 17 anos de idade.

Este trabalho se apoia, inicialmente, na pedagogia de Paulo Freire, uma vez que esta tem aproximação com os objetivos propostos: alcançar pessoas ao máximo possível no processo de ensino-aprendizagem. Busca-se também conhecer outros instrumentos que permitam essa realidade em contextos pedagógicos dos mais diversos, epistemologicamente falando, aqui especificamente na área de Música, através da implementação da proposta denominada de *Ensino de Música Multinível*. Mas, o que é isso? Na prática, seria compor um ambiente de ensino musical onde pessoas com materiais e níveis de conhecimentos práticos e teóricos distintos possam conviver e trocar experiências, numa espécie de ensino-aprendizagem “colaborativo” (TORRES et al, 2004) e também, de certa forma, cooperativo (JIMÉNEZ, 2016).

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O MÉTODO X – EDUCAÇÃO MUSICAL – LINGUAGEM E ESTRUTURAÇÃO MUSICAL MULTINÍVEL³

³ O nome do método só será divulgado mediante aceite de trabalho no evento.



Durante a elaboração desse trabalho, foi utilizado como material didático-pedagógico o Método *X - Educação Musical - Linguagem e Estruturação Musical Multinível*, ainda desconhecido no cenário acadêmico-científico, como o próprio nome sugere, voltado ao ensino-aprendizagem de Linguagem e Estruturação Musical, de autoria dos autores deste artigo.

O método visa trabalhar conforme a proposta metodológica de ensino de música Multinível. Todavia, está em processo de composição, há mais de um ano. Sua estrutura é baseada em apostilas que os autores chamam de 'aulas'. A cada (06) seis aulas se tem um nível de ensino, ou seja, foram preparadas (06) seis apostilas/aulas por nível. Para o aluno mudar de nível ele realiza simulados que os autores criaram para fixar os conteúdos trabalhados nas aulas de cada módulo, sendo (01) um simulado por módulo. Cada aula/apostila tem no mínimo (03) três páginas de conteúdo. O conteúdo é interativo, ou seja, o aluno é capaz de atender ao que se pede nos exercícios ao ler os enunciados; quando não, conta ainda com o auxílio do professor. A medida que acontece o surgimento de dúvidas que o aluno não consegue por si só esclarecer, entra a figura intermediadora do professor para responder ao questionado.

Uma das principais propostas desse material é possibilitar o trabalho teórico-prático, ou seja, associar desde o início a teoria com a prática. A leitura do texto/tarefa em português também atende à particularidade de ser compreensível aos diferentes níveis de entendimento da língua.

Para o desenvolvimento das aulas/apostilas os autores/pesquisadores contaram com a colaboração de alunos de municípios e contextos de ensino distintos: da cidade ao campo, do ensino privado ao particular, da criança de dez anos ao adulto de cinquenta. Os participantes, à medida que se aplicava o material, iam por meio de entrevistas com os autores, relatando suas impressões, dúvidas. Os materiais podiam ser desenvolvidos e aperfeiçoados tendo em vista as questões e ajustes resultantes do processo de criação do ensino/aprendizagem. Outros materiais, podiam ser inseridos e utilizados em momentos posteriores, por se tratarem de resultados de aperfeiçoamento de procedimentos ocorridos a partir das colaborações havidas nas interações anteriores entre professores e alunos. Outro detalhe nesse método, trata-se da observação de que os autores incorporaram nesse material obras já conhecidas pela comunidade acadêmica para o trabalho da teoria musical, como é o caso dos métodos *Pozzoli* e *Bonna* (este primeiro para leitura rítmica e o último para além disso, leitura rítmica e melódica), além de outros métodos significativos.

Além do mais, os alunos ao passarem de nível podem permanecer na mesma sala compartilhando a aula com os que ainda estão em nível anterior. Esta providência contribui e estimula os que estão apenas iniciando a jornada de estudos musicais; observado que estimula



também aos mais avançados, possibilitando inclusive que eles se ajudem mutuamente. A prática da metodologia colaborativa como está proposta, pode fortalecer os laços de amizade e o companheirismo, possibilitando aos alunos a participação no processo de ensino/aprendizagem como multiplicadores de seus próprios conhecimentos adquiridos e construídos. Esta é a meta traçada pelos autores deste artigo, almejando a aplicabilidade e aproveitamento da proposta entre os pares e a comunidade científico/acadêmico/musical. O que importa é a democratização do acesso ao conhecimento musical.

Percebe-se que esse material faz com que os alunos sintam vontade de competir entre si, ultrapassando barreiras iniciais. Observa-se ser meta de todos eles conseguir chegar rapidamente até à última apostila/aula do curso/material em questão. Isso passa a ser algo positivo, pois dificilmente identifica-se alunos desistindo durante essa proposta de ensino musical. Positivamente, estes resultados têm possibilitado que eles gostem de teoria da música tanto quanto gostam da *performance* instrumental.

Em relação à esta última prática costuma-se, ao final de cada aula ministrada, investir na prática de canto coral, pois acredita-se que esta é uma atividade que trabalha além da voz, o corpo (PEDERIVA, 2005) como um todo, indispensável para uma boa preparação performática, seja qual for o instrumento musical posterior. O repertório utilizado na prática coral é composto por músicas midiáticas que os próprios alunos costumam cantar e pedir. São escolhidas a partir da análise prévia do professor. Observa-se, na prática coral, alunos que na hora da prática de canto se esquivam, por timidez. No entanto, isso tem sido algo vencido aos poucos, com a ajuda e participação de todos.

Também se utilizam, nessa proposta de ensino, Flautas Doces como instrumento musical básico e padrão para todos os alunos; independente se estes tocam, a princípio, sopros ou percussão diversos. A prática de Flauta Doce acontece por meio de outro material de autoria dos próprios autores/pesquisadores, que se intitula *Método X - Educação Musical – Flauta Doce*⁴. São (20) vinte músicas, de nossa autoria, que trabalha o desenvolvimento das (07) sete digitações (notas musicais naturais da primeira escala no instrumento) básicas do instrumento, bem como a percepção dessas notas e ritmos simplificados.

Não deixando de anotar como é ministrado e proposto o curso de *Linguagem e Estruturação Musical*, ele é baseado em outros de sua natureza, tais como: *Teoria da Musical* – Bohumil Med; e *Princípios básicos da Música para a Juventude* – Maria Luisa de Mattos Priolli. As explicações sobre esta proposta fica para outra ocasião e/ou artigo.

⁴ Seu nome só será divulgado mediante aceite de trabalho no evento.



5. CONCLUSÃO

Considerados, neste artigo, os anos de pesquisa da equipe e os quinze anos de uma jornada do pesquisador principal, docente em Música; possibilitados pelas oportunidades de trânsito em muitos seguimentos de ensino dessa área, que vão desde o ensino formal, não formal ao informal; pode-se atestar quão complexo é esse campo de estudo sobre metodologia de educação musical. Faz-se ou se escuta música quase que a todo o momento, intencionalmente ou não, por intervenção ou interferência de outros.

Assim, percebe-se, há alguns anos, que alunos iniciantes de Música se motivam mais quando podem conviver com colegas de estágios de aprofundamento de diferentes níveis, com domínio de conteúdos e vivência musical distintos. A vivência musical em grupo faz uma diferença considerável no aprendizado musical. Esta constatação leva a outros questionamentos básicos: - Qual a motivação desses iniciantes se convivem com os colegas mais avançados? Como eles podem se ajudar nesse sentido? Qual a relação possível entre eles? Quais são as relações *entre e inter* grupos que levam à aprendizagem? Quais são as relações interpessoais que promovem o aprendizado? Qual o papel desempenhado pelo professor, intermediador, na construção do conhecimento musical do aluno? É nesse cenário que surgiu a ideia de um Ensino de Música Multinível a ser observado e a necessidade das discussões e as propostas deste artigo.

Voltando a uma situação já mencionada anteriormente, muitas vezes as circunstâncias do trabalho possibilitam criar ferramentas inusitadas que servem para sanar os problemas metodológicas de professores de música assim como os de muita gente. Aqui reside a importância do trabalho científico que se propõe criar uma nova metodologia para promover o ensino/aprendizagem de música, tendo em vista a formação de grupos que atendam às diferenças individuais em sala de aula. A partir das práticas pedagógicas já citadas, passa-se à proposição de pesquisas para implementar e observar os resultados do ensino de música. Esse é apenas o início de uma investigação sobre o ensino musical conceituado, a partir deste artigo, como *Ensino de Música Multinível*. Espera-se continuar o relato à comunidade científico/musical sobre a implementação, observação e análise desta proposta, com mais informações a seu respeito, em oportunidades futuras. Por enquanto, fica aberto o assunto/temática para debates e investigações que fortaleçam cada vez mais este campo epistemológico musical.



REFERÊNCIAS

FONSECA, Henrique Tavares. Subsídios para trabalho com turmas compostas no Ensino Básico. 2009.

MACHADO, Ednéia Maria Azevedo et al. A aplicação do planejamento sistematizado na escola municipal multisseriada de ensino fundamental. Flávio da Silva Daltro no município de Pimenta Bueno-RO. GESTÃO ESCOLAR, p. 31. 2009.

OLIVEIRA, José Sávio Bicho de; LUCENA, Isabel Cristina Rodrigues de. Mathematical literacy in multigrade classes of riverside schools of the Amazon: teaching performance in focus. Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos, v. 95, n. 239, p. 87-111, 2014.

PEDERIVA, Patrícia Lima Martins. O corpo no processo de ensino e aprendizagem de instrumentos musicais: percepção de professores. 2005. Tese de Doutorado. Universidade Católica de Brasília.

PORCARO, Rosa Cristina. A história da educação de jovens e adultos no Brasil. 2011.

SILVEIRA, Kelly Ambrósio; ENUMO, Sônia Regina Fiorim; BATISTA, Elisa Pozzatto. Stress indicators and coping strategies for teachers of multigrade teaching. Psicologia Escolar e Educacional, v. 18, n. 3, p. 457-465, 2014.

STEFANINI, Deborah Maria. O programa escola ativa no estado de São Paulo: Implantação de uma política pública para escolas multisseriadas do campo. Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação, v. 6, n. 3, 2011.

TERUYA, Teresa Kazuko et al. Multiseriate classrooms in Acre. Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos, v. 94, n. 237, p. 564-584, 2013.

TORRES, Patrícia Lupion; ALCANTARA, Paulo R.; IRALA, Esrom Adriano Freitas. Grupos de consenso: uma proposta de aprendizagem colaborativa para o processo de ensino-aprendizagem. Revista Diálogo Educacional, Curitiba, v. 4, n. 13, p. 129-145, 2004.

JIMÉNEZ, Ignacio Martín. Actividades de trabajo cooperativo. Disponível em:<
<https://www.youtube.com/watch?v=HToE8BeQvqw>>. Acesso em: 30 jul. 2016.